

AS RESISTENTES

MULHERES JUDIAS
QUE COMBATERAM
NOS GUETOS DE HITLER

A HISTÓRIA NÃO CONTADA

Tradução
Mário Dias Correia

JUDY BATALION

 Planeta

Em memória da minha *bubbe* Zelda e para
as minhas filhas, Zelda e Billie.

L'dor v'dor... Chazak V'Amatz

Em honra de todas as judias da Polónia que
resistiram ao regime nazi.

*Varsóvia com o rosto em lágrimas,
Com sepulturas nas esquinas das ruas,
Há de sobreviver aos seus inimigos,
Continuará a ver a luz dos dias.*

De *A Chapter of Prayer*, uma canção dedicada ao levantamento do gueto de Varsóvia, que ganhou o primeiro prémio num concurso de canções do gueto. Foi escrita por uma jovem judia antes da sua morte e publicada em *Women in the Ghettos*, 1946.

Índice

<i>Lista de personagens</i>	13
<i>Mapa da Polónia</i>	15
Introdução: Machados de guerra	17
Prólogo: Um salto no tempo – defesa ou salvamento?	27
PRIMEIRA PARTE: AS RAPARIGAS DO GUETO	35
Capítulo 1: Po-Lin.	37
Capítulo 2: Do fogo para o fogo.	50
Capítulo 3: A fundação da luta feminina	54
Capítulo 4: Ver mais uma manhã – terror no gueto.	70
Capítulo 5: O gueto de Varsóvia – educação e palavra	84
Capítulo 6: Do espírito para sangue – tornar-se ZOB	94
Capítulo 7: Os dias de errância – de sem-abrigo a criada doméstica	111
Capítulo 8: Transformar-se em pedra	128
Capítulo 9: Os corvos negros	134
Capítulo 10: Três linhas na história – uma surpresa de Natal cracoviana.	151
Capítulo 11: 1943, um novo ano – a minirrebelião de Varsóvia	165
SEGUNDA PARTE: DEMÓNIOS OU DEUSAS.	179
Capítulo 12: Preparação	181
Capítulo 13: As raparigas-correio	190

Capítulo 14: Dentro da Gestapo	199
Capítulo 15: O levantamento do gueto de Varsóvia	211
Capítulo 16: Bandidos de tranças	223
Capítulo 17: Armas, armas, armas.	240
Capítulo 18: Os carrascos.	249
Capítulo 19: Liberdade nas florestas – os <i>partisans</i>	256
Capítulo 20: <i>Melinas</i> , dinheiro e resgate	276
Capítulo 21: Flor de sangue	288
Capítulo 22: A Jerusalém de Zaglembie está a arder	297
TERCEIRA PARTE: «NENHUMA FRONTEIRA DETERÁ	
O SEU AVANÇO.»	305
Capítulo 23: O <i>bunker</i> e mais além	307
Capítulo 24: A rede da Gestapo	325
Capítulo 25: O cuco	339
Capítulo 26: Irmãs, vingança!	354
Capítulo 27: A luz dos dias.	372
Capítulo 28: A grande fuga.	377
Capítulo 29: <i>Zag nit keyn mol az du geyst dem letstn veg.</i>	395
QUARTA PARTE: O LEGADO EMOCIONAL.	
Capítulo 30: Medo da vida	409
Capítulo 31: Força esquecida	411
Epílogo: Um judeu desaparecido	432
Epílogo: Um judeu desaparecido	447
<i>Nota da autora: sobre a pesquisa</i>	461
<i>Agradecimentos</i>	467
<i>Notas finais</i>	471
<i>Bibliografia</i>	543
<i>Índice remissivo</i>	555

Lista de personagens

(Por ordem de aparição)

Renia Kukielka: nascida em Jędrezejów, correio do Liberdade em Będzin.

Sarah Kukielka: irmã mais velha de Renia, uma camarada do Liberdade que cuida de órfãos judeus em Będzin.

Zivia Lubetkin: nascida em Byten, líder do Liberdade na Organização Combatente Judaica (ZOB) e no levantamento do gueto de Varsóvia.

Frumka Plotnicka: nascida em Pinsk, camarada do Liberdade que lidera a organização combatente em Będzin.

Hantze Plotnicka: irmã mais nova de Frumka, também líder do Liberdade e correio.

Tosia Altman: líder do A Jovem Guarda e um dos seus correios mais ativos, baseada em Varsóvia.

Vladka Meed (*née* Feigele Peltel): correio do Bund Varsóvia.

Chajka Klinger: líder do A Jovem Guarda e da organização combatente em Będzin.

Gusta Davidson: correio e líder do Akiva, com base em Cracóvia.

Hela Schüpper: correio do Akiva, baseada em Cracóvia.

Bela Hazan: correio do Liberdade, baseada em Grodno, Vilna* Białystok.
Trabalhou com **Lonka Kozibrodzka** e **Tema Schneiderman**.

Chasia Bielicka e **Chaika Grossman:** duas correios do A Jovem Guarda que fazem parte de um grupo de operacionais antifascistas em Białystok.

Ruzka Korczak: líder do A Jovem Guarda na organização combatente de Vilna (FPO) e líder *partisan* nas florestas.

Vitka Kempner: líder do A Jovem Guarda na organização combatente de Vilna (FPO) e líder *partisan* nas florestas.

Zelda Treger: correio do A Jovem Guarda baseada em Vilna e nas florestas.

Faye Schulman: fotógrafa que se torna enfermeira e combatente *partisan*.

Anna Heilman: membro assimilado do A Jovem Guarda de Varsóvia que participa na resistência em Auschwitz.

* Ou Vilnius, atual capital da Lituânia.



Introdução

Machados de guerra

A sala de leitura da British Library cheirava a papel velho. Fiquei a olhar para a resma de livros de histórias de mulheres que tinha encomendado – não *demasiados*, garanti a mim mesma, não *demasiado* avassaladores. O do fundo era o mais invulgar: de capa dura e encadernado num esfiapado tecido azul, com páginas de margens serrilhadas e amarelecidas. Foi o primeiro que abri, e deparei-me com cerca de duzentas páginas de escrita miudinha... em iídiche. Era uma língua que conhecia, mas não usava há mais de quinze anos.

Estive quase a devolvê-lo ao monte sem o ler. Mas uma espécie de impulso levou-me a persistir, de modo que passei os olhos por algumas páginas. E depois por mais outras. Estava à espera de encontrar aborrecidas, hagiográficas, lamentosas e vagas discussões talmúdicas sobre a força e a coragem femininas. Mas, em vez disso, o tema era mulheres, sabotagem, espingardas, disfarces, dinamite. Tinha descoberto um *thriller*.

Poderia ser verdade?

Estava aturdida.



Andava à procura de histórias de judias fortes.

Nos meus vinte anos, no início de 2000, vivia em Londres, trabalhava como historiadora de arte durante o dia e como comediante à noite.

Em ambas as esferas, a minha identidade judaica revelou-se um problema. Os comentários sonsamente irónicos a respeito do meu aspeto e dos meus maneirismos semitas eram comuns, vindos de todos os lados: académicos, galeristas, público, colegas de palco e produtores. Pouco a pouco, comecei a perceber que o que irritava os britânicos era o facto de usar o meu judaísmo de uma maneira tão aberta e casual. Cresci numa pequena e unida comunidade judaica no Canadá e, mais tarde, frequentei a universidade no nordeste dos Estados Unidos. Em nenhum desses lugares a minha ascendência era invulgar; não tinha de ter uma *persona* privada e outra pública. Mas, em Inglaterra, ostentar com tal descaramento a minha «diferença» era, bem, considerado impróprio e causava desconforto. Fiquei chocada quando descobri isto, e paralisada pelo embaraço. Não sabia muito bem como lidar com aquilo. Ignorá-lo? Retribuir as piadas? Ser cautelosa? Reagir com demasiada violência? Reagir com demasiada tibieza? Passar à clandestinidade e assumir uma dupla identidade? Fugir?

Voltei-me para a arte em busca de ajuda para resolver estas questões e escrevi uma peça de teatro sobre a identidade judaica feminina e o legado emocional do trauma que acumulava à medida que atravessava gerações. O meu modelo de coragem judaica feminina era Hannah Senesh, uma das poucas resistentes da Segunda Guerra Mundial que não se perdeu nas brumas da História. Quando criança, frequentei uma escola judaica secular – as suas filosofias enraizavam-se nos movimentos judaicos polacos –, onde estudávamos poesia hebraica e romances em iídiche. Na minha turma do quinto ano de Iídiche, lemos a respeito de Hannah e de como, com vinte e dois anos e na Palestina, se alistara nas tropas paraquedistas britânicas que combatiam os nazis e regressara à Europa para ajudar a resistência. Não foi bem-sucedida na sua missão, mas seria um exemplo de coragem. Ao ser executada, recusou a venda e insistiu em olhar de frente a bala que ia matá-la. Hannah enfrentou a verdade, viveu e morreu pelas suas convicções, e orgulhava-se sem disfarces de ser aquilo que era.

Naquela primavera de 2007, estava na British Library de Londres à procura de informação sobre Senesh, em particular discussões equilibradas a respeito do seu carácter. Descobri que não havia muitos livros sobre

Hannah, de modo que pedi todos em que o seu nome fosse referido. Um deles estava escrito em iídiche. Por pouco não o ignorei.

Em vez disso, peguei em *Freuen in di Ghetto's* (*Mulheres nos Guetos*), publicado em Nova Iorque em 1946, e folhee-o. Nesta antologia de 185 páginas, Hannah só era mencionada no último capítulo. Antes disso, 170 páginas estavam cheias de histórias de outras mulheres – dezenas de jovens judias desconhecidas que combateram na resistência contra os nazis, sobretudo no interior dos guetos polacos. Estas «raparigas dos guetos» subornavam os guardas da Gestapo, escondiam revólveres dentro de pães e ajudavam a construir sistemas de *bunkers* subterrâneos. Namoriscavam com os nazis, compravam-nos com vinho, uísque e doces, e, no segredo das alcovas, matavam-nos a tiro. Levavam a cabo missões de espionagem por conta de Moscovo, distribuíam documentos de identidade falsos e panfletos clandestinos, e espalhavam a verdade a respeito do que estava a acontecer aos judeus. Ajudavam os doentes e ensinavam crianças; sabotavam as vias-férreas alemãs e fizeram ir pelos ares a central que fornecia eletricidade a Vilna. Não se vestiam como judias, trabalhavam como criadas na parte ariana da cidade e auxiliavam judeus a fugir dos guetos através de condutas e chaminés, abrindo buracos em paredes e rastejando pelos telhados. Subornavam os carrascos, escreviam boletins para a rádio clandestina, mantinham a moral do grupo, negociavam com proprietários de terras polacos, convenciam homens da Gestapo a carregar por elas malas cheias de armas, criaram um grupo de nazis antinazis e, claro, ocupavam-se da maior parte da administração do movimento clandestino.

Não obstante anos de educação judaica, nunca tinha lido relatos como aqueles, surpreendentes nos seus pormenores do dia a dia e do extraordinário trabalho das mulheres combatentes. Não fazia a mínima ideia de quantas mulheres haviam estado envolvidas no esforço de resistência, nem do grau desse envolvimento.

Estes escritos não se limitaram a deixar-me espantada, tocaram-me pessoalmente, viraram de pernas para o ar a compreensão que tinha da minha história. Venho de uma família de judeus polacos sobreviventes do Holocausto. A minha *bubbe* Zelda (homónima da minha irmã mais velha) não combateu na resistência; mas a história da sua bem-sucedida,

mas trágica fuga, enformou a maneira como entendi a sobrevivência. Ela – que não parecia judia, com os seus pómulos altos e o seu nariz pontiagudo – fugiu da Varsóvia ocupada, atravessou rios a nado, escondeu-se num convento, namoriscou com um nazi que fez vista grossa, viajou num camião que levava laranjas para leste e atravessou enfim a fronteira russa, onde lhe salvaram a vida mandando-a para um campo de trabalho na Sibéria. A minha *bubbe* era forte como um touro, mas perdera os pais e três das quatro irmãs, que tinham ficado em Varsóvia. Contava-me esta horrível história todas as tardes, quando ficava a tomar conta de mim depois da escola, com lágrimas e fúria nos olhos. A minha comunidade judaica em Montreal era maioritariamente composta por famílias sobreviventes do Holocausto; tanto a minha família como as vizinhas estavam cheias de histórias semelhantes de dor e sofrimento. Os meus genes ficaram marcados – e até alterados, como os neurocientistas agora sugerem – pelo trauma. Cresci numa aura de vitimização e medo.

Mas ali, no *Freuen in di Ghetts*, havia uma versão diferente da história das mulheres na guerra. Senti-me galvanizada por estas narrativas organizadas. Eram mulheres que agiam com decidida determinação – até com violência –, que contrabandeavam, reuniam informação, levavam a cabo missões de sabotagem e combatiam de armas na mão; orgulhavam-se do fogo que as animava. As escritoras não procuravam piedade, antes exaltavam a coragem ativa e a intrepidez. Mulheres que, muitas vezes a morrer de fome e torturadas, eram corajosas e destemidas. Várias delas, tendo a possibilidade de fugir, não o fizeram; algumas escolheram até voltar à luta. A minha *bubbe* era a minha heroína, mas, e se tivesse decidido arriscar a vida ficando para combater? Esta pergunta perseguia-me: que teria eu feito numa situação semelhante? Lutar ou fugir?



Ao princípio, imaginei que as várias dezenas de operacionais da resistência referidas em *Freuen* representavam a totalidade. Mas assim que me debrucei sobre o tema, relatos extraordinários de mulheres combatentes começaram a surgir de todos os cantos: arquivos, catálogos, desconhecidos

que me enviavam por *e-mail* as histórias das respectivas famílias. Encontrei dezenas de memórias de mulheres publicadas por pequenas editoras, e centenas de testemunhos em polaco, russo, hebraico, ídiche, alemão, francês, holandês, dinamarquês, grego, italiano e inglês, de 1940 até hoje.

Os estudiosos do Holocausto têm debatido a questão de saber o que é que «conta» como um ato de resistência judaica. Muitos aceitam a definição mais alargada: qualquer ação que afirmasse a humanidade de um judeu; qualquer feito individual ou coletivo que, mesmo sem intenção, desafiasse a política ou a ideologia nazi, incluindo manter-se simplesmente vivo. Outros consideram que uma definição tão generalista apouca os que arriscaram a vida para desafiar o regime de uma forma ativa, e que há que fazer uma distinção entre resistência e resiliência.

Os atos de rebelião praticados por judias que encontrei na Polónia, o país onde me foquei, ampliaram o leque, desde os que envolveram um planeamento complexo e cálculos elaborados, como fazer detonar grandes quantidades de TNT, aos que foram espontâneos e simples, quase de comédia, com disfarces, dentadas e arranhões para escapar das garras dos nazis. Para muitas destas mulheres, o objetivo era resgatar judeus; para outras, morrer com e deixar um legado de dignidade. *Freuen* destaca a atividade das «combatentes do gueto»: as operacionais clandestinas que emergiram dos movimentos juvenis judaicos e trabalhavam nos guetos. Eram combatentes, editoras de boletins da resistência e ativistas sociais. Sobretudo, constituíam a esmagadora maioria dos «correios», um papel específico que se situava no centro das operações. Disfarçavam-se de gentias e viajavam entre guetos e cidades fechadas, contrabandeando pessoas, dinheiro, documentos, informação e armas que muitas vezes as próprias obtinham.

Além de combaterem nos guetos, muitas judias fugiram para as florestas e juntaram-se a grupos de *partisans*, participando em ações de sabotagem e recolha de informação. Alguns atos de resistência eram ações únicas e «desorganizadas». Várias judias polacas juntaram-se a unidades de resistência estrangeiras, ao passo que outras trabalhavam com o movimento clandestino polaco. As mulheres criavam redes de resgate para ajudarem outros judeus a esconderem-se ou a fugirem. Por fim, exerciam uma resistência moral, espiritual e cultural escondendo as

suas identidades, distribuindo livros judaicos, dizendo piadas durante os transportes para minorar o medo, abraçando as camaradas nos barracões para as manter aquecidas e improvisando cozinhas onde distribuíam sopa aos órfãos. Por vezes, esta última atividade era organizada, pública e clandestina; outras era pessoal e íntima.

Meses depois de iniciada a minha pesquisa, deparei-me com o que para um escritor era um tesouro e um desafio: tinha coligido mais histórias impossíveis a respeito da resistência do que alguma vez imaginara. Como poderia fazê-las passar por uma triagem e escolher as principais personagens?

Acabei por decidir seguir a minha fonte inspiradora, *Freuen*, com o seu foco nas combatentes do gueto saídas dos movimentos juvenis Liberdade (Dror) e A Jovem Guarda (Hashomer Hatzair). A peça central, e a contribuição mais extensa, de *Freuen* foi escrita por um mulher correio que assinava «Renia K.». Senti-me intimamente atraída por Renia – não por ser a líder mais conhecida, militante ou carismática, mas pelas razões opostas. Renia não era uma idealista nem uma revolucionária, mas uma rapariga sensata da classe média que se viu apanhada num súbito e interminável pesadelo. Mostrou-se à altura da situação, por uma noção inata de justiça e pela fúria. Fiquei fascinada pelos seus formidáveis relatos de assaltos, atravessando as fronteiras a coberto da noite e contrabandeando granadas, e pelas pormenorizadas descrições das suas missões clandestinas. Com vinte anos, Renia registou a sua experiência dos cinco anos anteriores numa prosa escorreita e reflexiva, animada por rápidas caracterizações, impressões francas e até espirituosas.

Mais tarde, descobri que os textos de Renia em *Freuen* eram excertos de umas longas memórias escritas em polaco e publicadas em hebraico, na Palestina, em 1945. O seu livro foi dos primeiros (há quem diga o primeiro) relato pessoal de grande fôlego sobre o Holocausto. Em 1947, uma editora judaica no centro de Nova Iorque publicou a versão inglesa, que incluía uma introdução de um eminente tradutor. Mas, pouco depois, o livro e o seu mundo caíram na obscuridade. Só encontrei o nome de Renia em referências de passagem ou anotações académicas. Aqui, elevo a sua história das notas de rodapé para o texto e devolvo à luz esta judia que realizou atos de espantosa coragem. Entreteci na história de Renia

os relatos de outras resistentes judaico-polacas de diferentes movimentos clandestinos e com missões diferentes, tudo para mostrar a amplitude e o escopo da bravura feminina.



A tradição judaica está repleta de vitórias dos mais fracos: David e Golias, os escravos israelitas que desafiaram o faraó, os irmãos Macabeus que derrotaram o Império Grego.

Não é essa a nossa história.

A resistência dos judeus polacos não conseguiu mais do que minúsculas vitórias em termos de êxitos militares, baixas nazis ou número de judeus salvos.

No entanto, o *esforço* de resistência que levaram a cabo foi muito maior e mais organizado do que alguma vez poderia ter imaginado, e colossal em comparação com a narrativa do Holocausto com que cresci. Grupos dos movimentos armados clandestinos judeus estiveram ativos em mais de 90 guetos na Europa Oriental. Além de Varsóvia, ocorreram «pequenas ações» e levantamentos em Będzin, Vilna, Białystok, Cracóvia, Lvov, Częstochowa, Sosnowiec e Tarnów. A resistência armada judaica entrou em pelo menos cinco dos principais campos de concentração e de extermínio – incluindo Auschwitz, Treblinka e Sobibor –, bem como em dezoito campos de trabalho forçado. Trinta mil judeus juntaram-se aos grupos de *partisans* nas florestas. Redes judaicas apoiaram financeiramente 12 mil correligionários escondidos em Varsóvia. Tudo isto em paralelo com incontáveis exemplos de atos de desafio quotidianos.

Como era possível, não parava de me perguntar, nunca ter ouvido aquelas histórias? Como era possível nunca ter ouvido falar das centenas, até milhares, de judias que se tinham envolvido em todos os aspetos daquela rebelião, por vezes ao leme? Por que razão *Freuen* era um título obscuro em vez de um clássico das listas de leituras sobre o Holocausto?

Como vim a aprender, muitos fatores, tanto pessoais como políticos, têm guiado o desenvolvimento da narrativa do Holocausto. A nossa memória coletiva tem sido enformada por uma omnipresente resistência

à resistência. O silêncio é um meio para influenciar percepções e operar mudanças de poder, e tem funcionado de formas diversas na Polónia, em Israel e na América do Norte desde há décadas. O silêncio é, também, uma técnica para aguentar e viver.

Mesmo quando os contadores de histórias remaram contra a corrente e relataram histórias de resistência, as mulheres raras vezes foram o foco. Nos raros casos em que os escritores as incluíram nos seus relatos, foi quase sempre no enquadramento de tropos narrativos estereotipados. No interessante filme *Insurreição* sobre o gueto de Varsóvia, feito para televisão em 2001, as mulheres combatentes estão presentes, mas classicamente mal representadas. As mulheres líderes são reduzidas a personagens menores; «namoradas do» protagonista. O único papel principal feminino é Tosia Altman, e embora o filme a mostre a contrabandear destemidamente armas, é retratada como uma rapariga bonita e tímida, que cuidava do pai doente e se deixou arrastar para um papel na resistência, toda ela olhos muito abertos e mansuetude. Na realidade, Tosia já era uma líder do movimento juvenil A Jovem Guarda muito antes da guerra; o seu biógrafo enfatiza a sua reputação de jovem «bonita» muito viva e um pouco «estouvada». Ao rescrever o seu passado, o filme não só distorce a personagem como apaga todo o mundo de educação feminina judaica, treino e trabalho que a criou.

Nem é preciso dizer que, na Polónia, a resistência dos judeus aos nazis não foi uma missão radical feminista exclusiva das mulheres. Os homens foram combatentes, líderes, comandantes. Mas graças ao seu género e à capacidade de camuflarem o seu judaísmo, as mulheres eram particularmente adequadas para certas tarefas cruciais em que arriscavam a vida; em particular, como correios. Nas palavras da combatente Chaika Grossman, «As jovens judias eram os centros nevrálgicos do movimento».



O eminente cronista do gueto de Varsóvia, Emmanuel Ringelblum, escreveu na altura a respeito das raparigas-correio: «Sem um murmúrio, sem um segundo de hesitação, aceitam e levam a cabo as missões mais perigosas [...]. Quantas vezes olharam a morte nos olhos? [...] A história

da judia será uma página gloriosa na história do judaísmo durante a atual guerra.»

Em 1946, o único propósito de *Freuen* era informar os judeus norte-americanos sobre os esforços incríveis das judias nos guetos. Vários dos autores que contribuíram para o livro assumiram que aquelas mulheres iam tornar-se famosas, sugerindo que futuros historiadores não deixariam de cartografar este extraordinário território. A combatente Ruzka Korczak escreveu que estas histórias da resistência feminina «são grandes tesouros da nossa nação» e se tornariam uma parte essencial do folclore judaico.

Passados 75 anos, estas heroínas continuam largamente desconhecidas, as suas páginas no livro da eterna memória ainda por escrever. Até agora.

Prólogo

Um salto no tempo – defesa ou salvamento?

De cima, poder-se-ia confundir a pequena povoação, com o seu refulgente castelo e os seus edifícios em tons de pastel, o seu entrelaçado de ruas com cores de rebuçados, como um reino mágico. Fundada no século IX, inicialmente, Będzin foi erigida como cidade-fortaleza, de guarda à antiga rota comercial entre Kiev e o Ocidente. Como acontece com muitas outras cidades medievais polacas, em particular as que se situam na área densamente florestada do sul do país, a paisagem à volta de Będzin é gloriosa. As grandes extensões verdejantes não sugerem divisão e morte, batalhas sem conta e decretos ditatoriais. Quem a vê de longe, nunca imaginará que esta cidade real, encimada por uma torre dourada, foi um símbolo da quase destruição do povo judeu.

Localizada na região polaca de Zaglembe, Będzin tinha sido, durante centenas de anos, um lar para os judeus, que trabalhavam e prosperavam no distrito desde o início do século XIII. Em fins do século XVI, o rei concedeu-lhes o direito de ter os seus locais de culto, comprar terras, comerciar sem limites, abater animais para consumo e distribuir álcool. Durante mais de 200 anos, e desde que pagassem impostos, os judeus estiveram protegidos e estabeleceram uma forte rede de relações comerciais. Nos anos de 1800, a cidade passou para o severo domínio prussiano, e depois para o russo, mas os grupos locais opuseram-se a estes colonos estrangeiros e defenderam a irmandade judaica polaca. No século XX, a economia desabrochou, estabeleceram-se escolas modernas, e Będzin tornou-se um centro de novas filosofias, em particular o socialismo.

Novas práticas levaram a um apaixonado e produtivo conflito interno: os partidos políticos, os catedráticos e a imprensa judaicos floresceram. Como em muitas outras cidades por todo o país, os judeus representavam uma crescente percentagem da população, intricadamente entretecida na tessitura do quotidiano. Os falantes de iídiche constituíam uma parte essencial da área; em troca, Zaglembie tornou-se uma parte integrante da sua identidade.

Em 1921, quando Będzin era referida como «a Jerusalém de Zaglembie», os judeus controlavam 672 fábricas e oficinas locais. Quase metade dos habitantes eram judeus, e muitos deles abastados: médicos, advogados, comerciantes e proprietários de fábricas. Formavam um grupo liberal, secular, moderadamente socialista. Frequentavam cafés, tinham casas de férias nas montanhas, gostavam de dançar o tango, ouvir *jazz* e praticar esqui, sentindo-se europeus. Também a classe operária e os judeus religiosos prosperavam, com dezenas de locais de culto e um alargado leque de partidos em que podiam votar para o Conselho Judaico. Nas eleições municipais de 1928 estiveram representados 22 partidos, 17 dos quais judaicos. O vice-presidente da Câmara de Będzin era judeu. Claro que os judeus não podiam saber que o dinâmico mundo que tinham construído ia em breve ser destruído – ou que iam ter de lutar pela sua herança e pelas suas vidas.



Em setembro de 1939, o exército invasor alemão ocupou Będzin. Os nazis queimaram a magnífica sinagoga românica da cidade – uma peça central erigida no sopé da colina do castelo – e assassinaram dezenas de judeus. Três anos mais tarde, 20 mil judeus sinalizados pela brachadeira com a estrela de David foram empurrados para um pequeno bairro nos arredores da cidade, onde várias famílias eram forçadas a coabitar num mesmo barracão ou quarto. Pessoas que tinham desfrutado de séculos de relativa paz, prosperidade e integração social, com séculos de cultura, viram-se amontoadas nuns poucos quarteirões degradados. A comunidade de Będzin tinha uma nova bolsa. Uma bolsa escura e húmida. O gueto.

Os guetos de Zaglembie foram dos últimos a serem «exterminados» na Polónia. O exército de Hitler chegou ali numa fase já mais tardia, para completar a sua «Solução Final». Muitos dos habitantes do gueto tinham autorizações de trabalho e eram enviados para trabalho forçado nas fábricas e oficinas de material de guerra na Alemanha, em vez de serem de imediato despachados para os campos da morte. Em Będzin, a comunicação postal era ainda possível. Aqueles guetos estavam em contacto com a Rússia, a Eslováquia, a Turquia, a Suíça e outros países não arianos. E assim, mesmo naquelas escuras bolsas, emergiram células de resistência judaica.

Entre as casas apinhadas, no meio de uma atmosfera de pânico, inquietação e terror, havia um edifício especial. Um edifício que se mantinha forte, não só graças aos seus firmes alicerces (que, aliás, em breve assentariam sobre um rede de *bunkers* subterrâneos), mas também graças àqueles que o habitavam, aos seus cérebros, aos seus corações, aos seus músculos. Era lá que se situava o quartel-general da resistência judaica local. Uma resistência nascida da filosofia do movimento trabalhista sionista que acarinhava a agência judaica, o trabalho da terra, o socialismo e a igualdade. Os «camaradas» eram alimentados a uma dieta única de trabalho físico e empoderamento feminino. Foi um dos centros do movimento juvenil Liberdade.



Em fevereiro de 1943, o gueto estava transido de frio, o ar pesado como chumbo. No movimentado edifício comunal reinava um silêncio invulgar. O habitual bulício dos programas culturais do Liberdade – cursos de línguas, espectáculos musicais, seminários sobre a ligação entre o coração e a terra – desaparecera. Não se ouviam vozes, nem música.

Renia Kukielka, uma jovem judia de dezoito anos e combatente em ascensão no movimento clandestino de resistência, saiu da lavandaria. Ia a caminho da reunião que decorria à volta da grande mesa no piso térreo do quartel-general, onde se gizavam os planos mais importantes. Um lugar que conhecia bem.

– Conseguimos alguns documentos – anunciou Hershel.

Houve um coro de exclamações abafadas. Documentos significavam passaportes dourados – para sair da Polónia, para a sobrevivência.

Aquele era o dia da decisão.

Frumka Plotnicka, com os seus olhos escuros e o sobrolho franzido, estava de pé numa das cabeceiras da mesa. Oriunda de uma modesta família religiosa de Pinsk, juntara-se ao movimento como uma adolescente introvertida e, graças à sua seriedade inata e ao seu pensamento analítico, subira na hierarquia. Com o deflagrar da guerra, depressa se tornara uma líder na clandestinidade.

Hershel Springer, seu colíder na «secção» de Będzin, ocupava a outra cabeceira. Amado por todos, Hershel «tinha em si tanto do carácter popular judeu» que mantinha conversas francas com quem quer que partilhasse as suas raízes, desde um carroceiro a um talhante, a respeito dos temas mais triviais. Como sempre, o seu sorriso caloroso e acriançado era uma força apaziguadora contra a destruição que reinava lá fora; o imundo gueto cada vez mais vazio, o eco de coisa nenhuma.

Renia ocupou o seu lugar à mesa entre os dois, com os outros jovens judeus.

Dava muitas vezes por si cambaleando na incredulidade, chocada pela sua realidade. Em poucos anos, deixara de ser uma adolescente de quinze anos com seis irmãos e pais que a amavam, para se transformar numa órfã, sem saber sequer quantos dos seus irmãos e irmãs continuavam vivos ou onde poderiam estar. Com a família, correram por campos juncados de cadáveres. Mais tarde, fugira através de outros campos, mas agora sozinha. Poucos meses antes, saltara de um comboio em movimento, disfarçara-se de camponesa polaca e fora trabalhar como criada para casa de uma família em parte alemã. Insistia em ir à igreja com eles, como disfarce, mas da primeira vez tremia a cada gesto, com medo de não saber quando pôr-se de pé ou quando sentar-se, por onde passar. A adolescente tornara-se uma atriz, sempre a representar. O chefe da família gostava dela e louvava-a por ser limpa, trabalhadora e até educada. «É natural», dissera ela, numa meia mentira. «Venho de uma família culta. Éramos ricos. Foi só quando os meus pais morreram que me vi obrigada a aceitar o trabalho braçal.»

Era bem tratada, mas logo que tivera ocasião de entrar secretamente em contacto com a irmã Sarah, soubera que tinha de estar com ela, com o que restava da sua família. Sarah arranjava maneira de a fazer chegar a Będzin, centro do grupo de jovens do Liberdade a que pertencia.

Renia era agora uma rapariga instruída que lavava roupa, escondida nas traseiras. A sua presença ali era ilegal; uma intrusa entre os intrusos. Os nazis tinham dividido a Polónia conquistada em vários territórios. Os documentos de Renia só eram válidos para o Governo-Geral, a área que havia de servir de «lixeria racial» e fonte inesgotável de trabalho escravo – e, no fim, de palco do extermínio em massa do judaísmo europeu. Não tinha papéis para estar em Zaglembe, uma área anexada pelo Terceiro Reich.

Naquele momento, à sua direita sentava-se Hantze, irmã e oposto absoluto de Frumka, senhora de um espírito exuberante e de um inabalável otimismo que iluminava a sala escura. Hantze gostava de contar aos camaradas como enganava os nazis disfarçando-se de mulher católica, a pavonear-se de um lado para o outro mesmo nas barbas deles. Sarah, com o seu rosto cinzelado de pómulos altos e penetrantes olhos escuros, estava presente, ao lado da namorada de Hershel, Aliza Zitenfeld, com quem partilhava o cuidado dos órfãos do gueto. Chajka Klinger, a animada e extrovertida líder de um grupo irmão, talvez também lá estivesse, pronta a bater-se pelos seus ideais: verdade, ação, dignidade.

– Conseguimos alguns documentos – repetiu Hershel. Cada um deles proporcionava a uma pessoa a entrada num campo de concentração; permitia a uma pessoa viver. Eram passaportes falsos dos países aliados onde havia alemães cativos. Os possuidores destes passaportes eram mantidos pelos nazis em campos especiais para serem trocados pelos prisioneiros alemães nesses países – mais um dos vários esquemas com passaportes de que tinham tido conhecimento nos últimos anos. Talvez, esperavam, aquele não fosse uma ratoeira. Demorava meses a organizar e obter aqueles documentos, um processo imensamente caro e perigoso que envolvia enviar em segredo aos peritos em falsificações cartas codificadas com fotografias. Quem ia conseguir um deles?

Ou nenhum dos presentes o receberia?

Defesa ou salvamento? Lutar ou fugir?

Era este o debate que mantinham desde o início da guerra. Uns poucos judeus com ainda menos armas não iam derrubar os nazis. Que sentido fazia então a resistência? Estavam a lutar para morrer com dignidade, por vingança, para deixar um legado de honra a gerações futuras? Ou estavam a lutar para infligir estragos, para resgatar e salvar – e se era esse o caso, quem? Indivíduos ou o movimento? Crianças ou adultos? Artistas ou líderes? Deviam os judeus combater nos guetos ou nas florestas? Como judeus ou como polacos?

Agora, era preciso tomar uma verdadeira decisão.

– Frumka! – disse Hershel para o outro lado da mesa, a olhá-la nos olhos escuros.

Ela devolveu-lhe o olhar, com a mesma firmeza, mas manteve-se silenciosa.

Hershel explicou que tinha chegado de Varsóvia uma diretiva da líder que todos respeitavam, Zivia Lubetkin. Frumka usaria o seu passaporte para sair da Polónia e dirigir-se a Haia, sede do Tribunal Permanente de Justiça Internacional, instituído em 1920 pela Sociedade das Nações. A sua missão seria representar o povo judeu, revelando ao mundo o que estava a acontecer. Em seguida, viajaria para a Palestina, onde serviria como testemunha oficial das atrocidades nazis.

– Partir? – disse Frumka.

Renia olhou para ela com o coração a bater muito depressa. Sentia a sua resistência, quase conseguia ver os mecanismos do seu aguçado cérebro a funcionar por detrás do rosto tranquilo. Frumka era a líder, a rocha em que todos se apoiavam, homens e mulheres. A quem seria pedido que a acompanhasse? E que fariam eles sem ela?

– Não – declarou Frumka na sua maneira gentil, mas firme. – Se temos de morrer, morramos juntos. Mas – e aqui fez uma pausa –, procuremos uma morte heroica.

Ao ouvir as suas palavras, a sua segurança, a sala inteira deixou escapar um suspiro. Como se todo o edifício tivesse sido ressuscitado, os presentes começaram a bater com os pés, alguns até sorriram. Frumka pousou o punho fechado em cima da mesa, simples e rápido como o martelo de um juiz.

– É tempo. É tempo de nos mexermos.
E foi assim que tiveram a sua resposta unânime: defesa.
Renia, sempre pronta, saltou da cadeira.